
Cinco Poemas

Inês Carneiro

Arquipélago de Tesus

só há uma chance
de se chegar
ou escapar
desse lugar

um mapa
feito à mão

ad hoc

são dezenas
talvez centenas
de pequenas formações

ilhas pequeninas
e únicas
perdidas
entre dinâmico e fluido labirinto
de correntes submarinas

Tesus perfura a pele do oceano
aqui e ali
insulta a linha do horizonte
com suas interrupções
toscas
dispensáveis

→

há beleza em suas ilhas?

sim

e como

a ilha de Ganges

oferece aos amantes

seus melhores ângulos

em formas fêmeas, insinuantes

deliciosamente ambíguas

hipnóticas

Clinus é suave

despretensiosa

acolhedora

sonho de um qualquer

ou menino pequeno

ilha de graças

e recantos estranhos

texturas equivocantes

para os que conseguem chegar lá

e se aventuram

sozinhos

pelas suas trilhas

as coisas acontecem

dizem que as autoridades

soltam meninos loucos

agitados e irascíveis

em Clinus

→

abandonam seus pequenos incômodos
por aquelas bandas
e vão buscá-los
tempos depois

os encontram transformados
pela convivência
com a ilha

o ponto g do arquipélago
Muisis

muito se cantou
em prosa e verso
a mágica
da ilha deserta

não há verde lá
só preto no branco
calor, ritmo
e cinzas

formações rochosas
esculpidas delicadamente
pela força das areias
ao vento

o segredo da ilha
está em pegar carona
em silêncio

abandonar-se
ao fluxo delicado dos céus
com os pássaros

→

percorrer seus recantos
embalado pelo som
na transa dos ventos
com os rochedos

penetrando suas velhas frestas
forjadas
no mais puro encanto
da passagem do tempo.

BICICLETO

dançarino

abraça o nada

com a mesma avidez

abraça a amada

saúda a tudo

e a todos

não culminam seus espasmos

nem ferem seus socos

ajoelha-se ao ínfimo

deita-se em poeiras

fugindo do vento

arredonda-se em movimento

dançarino

não pensa

como andarilho

→

em seu trilho
passo a passo
avança
e se deleita
com as belezuras

passadas

eu não passa
bicicleta
anda sim
mas redondo
longe do chão

saúda o novo
engole vento
muda seu rumo
num invisível movimento

desliza acorrentado
nem forte, nem fraco
ritmado

→

divide e multiplica

o rápido no lento

abre os braços

à paisagem

permanece parado

imovimento lento

esforço pedalado

O LADO DE CÁ

há um lado e outro lado

e se
não houvesse lado?

só ladrão e desmiolado

e se
só houvesse o meu lado

e se
o lado de lá não houvesse
não ouvisse
ou visse

nem presidisse

há um lado
e outro ladro
branco dono de banco
dorme calmo e limpo
suíça em paz

e se

alvora
num uivo
outro ruivo
noutros pardos
uma crioula um sete um

→

caola e seu cão sem cú
seu lulu da pomerânia

e se
não houvesse lá
o lado de lá
só o de cá

ama de leite não é mamãe
um dó não é um ré
mi sol

ladrões
desmiolados
em fachadas

há o sol
há o lá

si

sem dó nem piedade
o eu engata a primeira
se movimenta

marcha lenta e forte
não é só marcha ré
fé cega e faca amolada
macha réu ou bacharel

e se não houver justiça
nem réu
só eu?

só o lado de cá
sem lado de lá

→

sem morte

em luto alegre
e dissoluto

em solidão exibida
e absoluta

sem dó
nem ré
nem mi mi mi

sem piedade ou pieguice
sem mindinho
nem seu vizinho

eu se movendo com três dedos
sem o lado de lá
só o lado de cá
no tec lado.

Lindas arenas abertas

lindas arenas abertas

de verde matagal

algo em demasia

para o corpo frágil do poeta

mas insiste

lindas arenas abertas

de verde matagal

lindas arenas

para imensa guerra

tão imensa

nem via

vê



raízes desesperadas

crescendo

se atropelando

estourando os limites do solo

sua terra natal

infiltrando-se insidiosamente

no lar alheio

terra de minhoca

vermes

terra de ninguém

as raízes

sustentáculos vis

muitos egoísmos

e troncos

troncos brutos

quebrando a paisagem em costelas

insultando o horizonte

murmurando verticais ofensas

→

troncos escrotos

indiferentes

ao racionamento das décadas

consumidas

cuidadosamente

contando nos dedos

excessivos

esbanjando mil idades

em meio à miséria das folhas

dos insetos, das horas

troncos másculos

desprezando a beleza fresca do capim

a sensibilidade aquosa dos musgos

a criatividade frágil das flores

o nascimento e morte

súbita

→

de suas cores

troncos cegos

para a queda de tantos gravetos

e cascas

o abandono doce dos frutos

a dor fina das folhas

definindo aos seus pés

engolidos pela terra

à sua sombra

brutos troncos

não se amedrontam

disfarçados de pedra

invejosos da condição fria e impassível

dos minerais

esquecem sua verde origem

nas asquerosas cascas

abandonando infantis movimentos

de linhas e arcos

→

gozam de perturbar horizontes
e cuspir folhas
no quintal vizinho

até aos ventos
no teto alheio
se unem para quebrar galhos
rachar pequenos crânios

troncos imponentes
retos em sua permanência
só se dobram às grandes tragédias

ou moto-serras

será que os troncos merecem ser serrados?

quero um pedaço de tronco
no meio da minha sala
com tampo de vidro

quero almoçar sobre o toco do seu cadáver
envernizado

→

que nem os médicos
engolindo seu alimento
sem nojo da anatomia

quero expor
no centro da sala
o troféu de minha vitória
na luta contra essa bárbara criatura
sobre-terrena

depois
deitar ao chão
e esperar que se crie a fama

ou musgos, capim, flor
e suas pequenas raízes
desesperadas...

Dedico este poema à
memória da queda das Torres
Gêmeas e à morte de meu
mestre Clauze Ronald de Abreu.

poeira

para invisível poeira

observador atônito

não fecho os olhos

nem choro

só olho

máquina

de engrenagem frouxa

arrota

seu canto cinza

sobre corpos mal dormidos

a graça das coisas

se apouca

estranho da flor



o leque da chinesa

delicado

espalha as migalhas

do dia

pré-fabricado

comovido

que se arrasta

em cordas

débeis

elas não tocam

nem findam

n'algum canto de infância

insiste

a indústria perfeita

das coisas simples e belas